



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A CHEGADA DO MINHA CASA, MINHA VIDA: MESMO ESPAÇO, NOVAS RELAÇÕES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GAMELEIRA DE BAIXO/RN

NARJARA GOMES PINTO¹

FLÁVIA LARANJEIRA COSTA DE ASSIS²

Resumo: A categoria “remanescentes de quilombos” deve compreender todos os grupos afrodescendentes que desenvolveram práticas de resistência para a manutenção e para a reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar, cuja identidade se define por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e de valores partilhados. Resistência e autonomia passam a ser os elementos fundamentais para caracterizar o conceito contemporâneo de quilombos. Eles se constituem como “grupos étnicos”, um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e de meios empregados para indicar afiliação ou exclusão, cuja territorialidade é caracterizada pelo uso comum, pela sazonalidade das atividades agrícolas e por uma ocupação do espaço que tem por base os laços de parentesco e de vizinhança, assentados em relações de solidariedade e de reciprocidade (Arruti, 2006). O presente trabalho tem o intuito de apresentar as mudanças socioespaciais advindas da implantação do programa Minha Casa Minha Vida, na comunidade quilombola Gameleira de Baixo, no município de São Tomé/RN. O processo sistemático utilizado para a realização do trabalho é o método de procedimento histórico, que consiste em investigar acontecimentos e processos do passado para explicar a transformação na comunidade nos dias atuais, através de livros, artigos científicos, fotos, mapas, notícias, que componha uma fundamentação teórica sobre o assunto. As pesquisas qualitativas e as entrevistas orais também contribuíram para a construção das considerações sobre as relações entre os aspectos sociais, culturais e físicos do território.

Palavras-chave: Comunidade quilombola, Minha Casa Minha Vida, Relações territoriais.

Abstract: The category "Remnants of Quilombos" must understand all groups that developed resistance practices for maintaining and reproducing their characteristic modes of life in a particular place, whose identity is defined by a common historical reference, built from experiences and shared values. Resistance and autonomy become the fundamental elements to characterize the contemporary concept of quilombos. They constitute themselves as "ethnic groups," an organizational type that confers membership through norms and means employed to indicate affiliation or exclusion, whose territoriality is characterized by common use, seasonality of agricultural activities and occupation of space ties of kinship and neighborhood, based on relations of solidarity and reciprocity (Arruti, 2006). The present work is intended introduce the spacial, economic and social changes caused by the implementation of My home My life program, in the Quilombola Gameleira de Baixo community. The systematic process used for the realization of work is initially the method of historical procedure, who consists of investigating events and processes of the past to explain the transformation in the community in the present day, through books, scientific articles, photos, maps, news, that compose a theoretical grounds about the subject. Besides the qualitative research and methodologies of oral interviews that have made effective the considerations on the social aspects, economic and physical aspects of the territory.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Facex.
narjaramagnoarq@gmail.com

² Especialista em Políticas Públicas com ênfase em Planejamento Urbano (PPEUR-UFRN, 2013);
mestranda em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFRN, 2016); docente do curso de Arquitetura e
Urbanismo do Centro Universitário Facex em Natal-RN. flavialaranjeira@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Keywords: Quilombos, My home my life, Territorial relations.

INTRODUÇÃO

Os Quilombos por muito tempo foram considerados como o abrigo dos escravos em fuga, localizados em locais de difícil acesso e isolados do convívio com outros grupos, proporcionando assim segurança e possibilidade de defesa desses territórios e de seus ocupantes. Seus territórios são constituídos através da cultura, da memória, das tradições e também por práticas de solidariedade e sociabilidade, baseadas principalmente em laços de parentesco (COSTA, 2008).

No caso da Comunidade Quilombola Gameleira de Baixo, o isolamento territorial – distante 137 km da capital e 22 km do núcleo urbano do município de São Tomé, no RN – permitiu resguardar boa parte de suas características mais antigas até a virada do século XXI, com seus costumes e construções preservados no tempo. Por outro lado, a comunidade apresentava também alto índice de precariedade, com habitações em taipa, ausência de saneamento básico e energia elétrica, e ruas não pavimentadas, com poucas rotas de comunicação com outros distritos.

A partir dessa observação, o presente trabalho tem o intuito de analisar as novas relações socioespaciais desenvolvidas na comunidade a partir das mudanças advindas com a implantação de infraestrutura e mudanças no padrão construtivo das habitações. Trata-se de uma análise descritiva-exploratória que tem por fundamento metodológico pesquisa bibliográfica-documental e estudos de campos, contando ainda com a realização de levantamento fotográfico e entrevistas informais com membros da comunidade e do poder público. Espera-se contribuir para a análise dos efeitos concretos e mitigação de possíveis impactos negativos da implementação dessas políticas públicas em comunidades tradicionais que apresentam alta vulnerabilidade social; sabendo que possuem aspectos de sua tradição cultural e relações sociais muito fortemente arraigados na configuração espacial do território que ocupam e que estes mesmos elementos podem se perder ou se descaracterizar



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

em função da implementação de políticas incoerentes ou despreocupadas com o contexto sociocultural dos quilombolas. Nesse sentido, a justificativa para o desenvolvimento deste trabalho está em ressaltar a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas atentas para as especificidades e manifestações socioculturais de comunidades tradicionais, como grupos indígenas ou quilombolas, no sentido de respeitar e permitir a permanência de seus costumes, protegendo-as de uma possível descaracterização, ao mesmo tempo em que diminuem a precariedade e levam a outros avanços sociais.

1. HERANÇA QUILOMBOLA NO RN

A historiografia não tem dado a devida atenção ao tema do negro na sociedade potiguar. Assunção (2006) elenca motivos comumente alegados para essa invisibilidade, apontando para a pouca presença da população escrava no RN, para sua chegada tardia e para a pequena contribuição da comunidade negra no processo de formação da sociedade colonial potiguar. Essas ideias, formuladas a partir de uma análise do processo colonial, defendem que os negros tiveram presença rara e quase inexpressiva, consequência da ausência de um sistema escravista exportador na região. Além disso, sugere-se que, em áreas rurais, notadamente naquelas dedicadas à criação e ao abate de animais, como as Regiões Seridó e Oeste, as relações entre escravos e patrões eram mais cordiais. Essas relações seriam decorrentes, sobretudo, do modelo econômico implantado e de um menor contingente de escravos (ASSUNÇÃO, 2006).

De acordo com Assunção (2006), historicamente, o negro africano chegou à província do Rio Grande no início do século XVII, vindo de Pernambuco, para trabalhar, como escravo, nos engenhos de cana-de-açúcar de Cunhaú e Ferreiro Torto e, posteriormente, nos engenhos do Vale do Ceará-Mirim, de São José de Mipibu, Goianinha e Canguaretama. A ocupação do interior do estado e sua colonização ocorreram a partir da metade do século XVII, efetivando-se durante o século seguinte,



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

num processo marcado pelo extermínio do indígena e pelo ingresso da população negra escrava.

Por outro lado, apesar da historiografia afirmar a pouca presença dos escravos, no Rio Grande do Norte os seus descendentes estão espalhados por todas as regiões, compondo um conjunto de dezenas de comunidades negras rurais. A Fundação Cultural Palmares estima que no estado do RN mais de cinquenta comunidades se auto-reconheçam como “remanescentes de quilombos”. Em junho de 2017, a FCP certificou vinte e três comunidades quilombolas presentes no Estado, estando uma ainda em processo de análise técnica pela Fundação (FCP, 2006).

Esses grupos, vivendo situações variadas e complexas, apresentam elementos comuns no que diz respeito à relação com a terra, à consanguinidade, ao passado histórico e às alianças e aos confrontos com a sociedade do entorno (ASSUNÇÃO, 2006). Predominantes na zona rural, as áreas quilombolas presente no Estado, apresentam carência em sua infraestrutura, com difícil acesso em seus trajetos até a zona urbana. Esse impedimento não se restringe a estrutura: são notórios a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e o acesso aos serviços básicos de saúde, educação e moradia. Firme em suas origens, a principal atividade econômica presente nos aglomerados remanescentes é a agricultura de subsistência, usado para consumo próprio e para comercialização.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) certificou, até o ano de 2016, apenas uma comunidade quilombola no Estado do Rio Grande do Norte. Outras seis estão em fase de andamento de processo e oito com processos abertos de reconhecimento. Em 2010, a comunidade quilombola de Jatobá, localizada no município de Patu, recebeu seu título, sendo assim a primeira do RN reconhecida pelo INCRA (INCRA, 2017). A assistência do poder público as comunidades quilombolas está prevista no Art. 68 da Constituição Federal de 1988, onde afirma-se que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

culturais. Protegendo assim, as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

2. A COMUNIDADE QUILOMBOLA GAMELEIRA DE BAIXO, EM SÃO TOMÉ/RN: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

São Tomé é um município de pouco mais de 11 mil habitantes³ localizado na região agreste potiguar, a 115 km de Natal – capital do Estado do Rio Grande do Norte. A Comunidade Quilombola Gameleira de Baixo está localizada a 12 km da zona urbana do município, e seu acesso é feito exclusivamente



Figura 1: Mapa do RN apresentando a localização dos municípios de Natal e São Tomé, pela RN-023, que liga ao município a Lajes Pintadas.

Fonte: wikimedia.org; adaptado pela autora.

Seu processo de reconhecimento como comunidade quilombola iniciou-se no ano de 2003, através da gestão vigente na época, que identificou o perfil quilombo e deu início ao processo de investigação, com coleta de relatos em reuniões com os seus habitantes, traçando informações de seus antepassados que apontasse suas raízes e costumes ainda presentes na comunidade, que já apresenta uma faixa de mais de 300 anos. A partir de coleta de assinaturas de auto reconhecimento como grupo negro e quilombola, um estudo antropológico foi realizado no espaço que proporcionou o

³ Estimativa Populacional do ano de 2017, segundo IBGE.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

reconhecimento como comunidade quilombola pela Fundação Palmares no ano de 2009 (CRUZ, 2017)⁴. A população ainda anseia pela titularização do INCRA, que se encontra em processo avaliativo ao pedido. Esse reconhecimento ofertará a comunidade garantia ao acesso a políticas públicas, ou seja, a direitos que foram historicamente negligenciados por décadas. Além disso, a titularidade da terra é tão significativa nesse contexto, pela permissão de um fator de segurança para a comunidade, que garante e efetiva o direito à moradia e a permanência da comunidade em seu território tradicional, sem riscos de expulsão ou incorporação no sistema urbano convencional e sua consequente descaracterização.

A Comunidade da Gameleira possui mais de 700 habitantes de diferentes faixas etárias, dividida em 150 famílias. O espaço é fragmentado em quatro partes, a Gameleira dos Negros, Gameleira dos Domingos, Gameleira dos Fernandes (ou Gameleira de Baixo) e Gameleira de Cima (CRUZ, 2017).

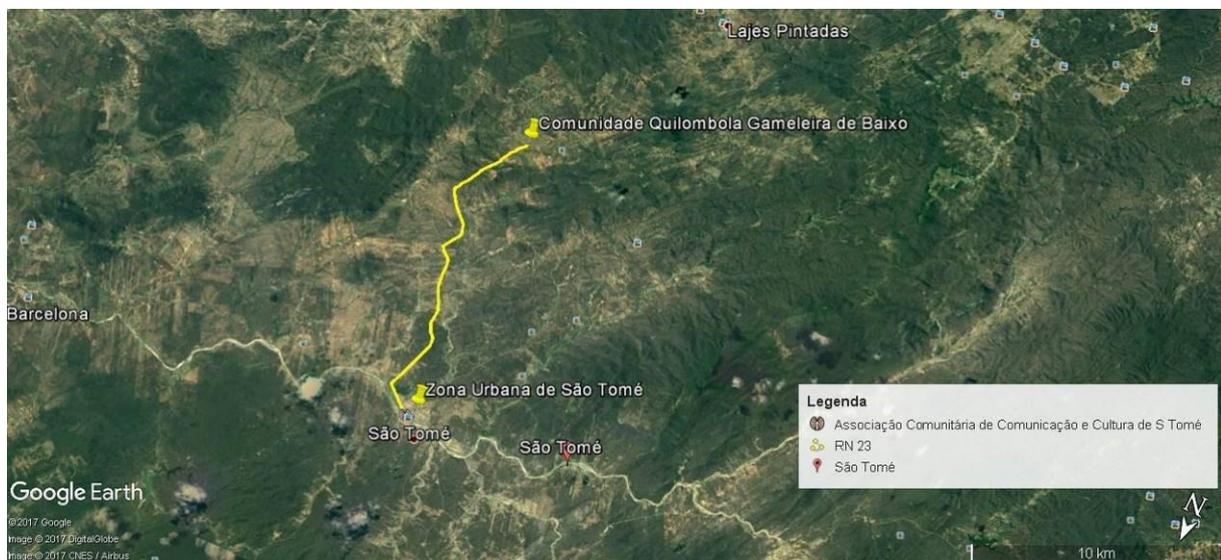


Figura 2: Localização da Comunidade em relação ao centro urbano de São Tomé/RN.

Fonte: Google Earth, adaptado pela autora.

⁴ Francileide Bezerra da Cruz, presidente da Associação Quilombola Gameleira de Baixo, entrevistada pela autora, Narjara Gomes.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

No ano de 2000, a comunidade apresentava um universo reduzido de edificações e uma ausência total de infraestrutura. Algumas habitações de taipa, um cemitério, uma escola de ensino fundamental e uma casa de forró – que remetia tanto valores culturais quanto afetivos para seus frequentadores como um espaço fundamental de convivência e lazer para a comunidade. São músicas e danças que originaram festas e remontam um tempo feliz onde os moradores da serra podiam celebrar sua liberdade e autonomia (FERREIRA, 2009). Atrativo local e das comunidades vizinhas nos dias de domingo, a casa de forró foi derrubada, lesionando assim o universo cultural e histórico da comunidade. Hoje seu espaço comporta uma das duas igrejas evangélicas presentes no povoado.

A comunidade conta também com a Associação Quilombola de Gameleira de Baixo, que foi fundada em 2003 com o intuito de resgatar e assegurar movimentos sociais e culturais, além obter, juntamente ao poder público, assistência à população. Sem espaço físico próprio, a Associação realiza suas reuniões todo terceiro domingo do mês, na Escola Municipal Joaquim Garcia dos Anjos (CRUZ, 2017).



Figura 3: Antiga Casa de Forró
Fonte: Ferreira, 2009, p.107



Figura 4: Igreja Evangélica construída no local
Fonte: Acervo Próprio.

Na Gameleira, existem hoje três religiões predominantes: o catolicismo, o catimbó e o evangelismo. Como já foi dito anteriormente, a comunidade possui duas igrejas evangélicas, o que sinaliza o uso de novas práticas religiosas para um povo que viveu décadas praticando rituais tracionais africanos. Conservando sua cultura religiosa



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

cristã, foi construída pelos próprios moradores⁵ em 1949 a Igreja de Nossa Senhora da Guia que está localizada na parte da Gameleira dos Negros. Pequena e simples, a igreja passou por reformas recentemente apenas para restauro de patologias e pintura.



Figura 5 Uma das duas escolas presentes na comunidade. Fonte: Acervo Próprio .



Figura 6: Igreja Nossa Senhora da Guia Fonte: Acervo próprio.



Figura 7: Interior da Igreja Nossa Senhora da Guia. igreja católica presente na Comunidade da Gameleira
Fonte: Acervo próprio

Um fator enraizado na comunidade é a dispersão cultural dos rituais e crenças religiosas afrodescendentes. Essa ausência apresenta como consequência o enfraquecimento da identidade como quilombo, que na comunidade é uma perda cultural percebida pelos seus próprios habitantes, que dão preferência a um enquadramento ideológico-religioso cristão em detrimento de suas heranças

⁵ De acordo com Francileide Cruz, presidente atual da associação, a construção da Igreja foi realizada por José Fernandes, José Barbosa, Jorge Domingos, José Domingos e outros membros da Família dos Domingos (CRUZ, 2017).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

religiosas tradicionais, que remetem ao candomblé e ao culto de divindades de origem africana, havendo inclusive relatos de discriminação quanto a essa herança colonial. Porém, Francieleide Cruz (2017) afirma, que esse preconceito não afeta os alguns residentes mais antigos do local, pois de forma velada, eles ainda realizam rituais de cura e catimbó.

3. A CHEGADA DAS PRIMEIRAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Na Gameleira, a atividade econômica é baseada na agricultura e na atividade pastoril. Na pastoril, é realizado a criação de gado, ovelha, galinha e porco, onde a movimentação de venda e troca é realizada na própria comunidade. Já na agricultura tem-se a lavoura de feijão, milho, fava e batata, para a comercialização e subsistência. Diverso à atividade agrícola, algumas famílias subsistem de fontes previdenciárias, no geral aposentadorias. Cruz (2017) relata que alguns agricultores eventualmente migram para o Município de Tibau/RN para trabalhar produção do melão, retornando apenas com intervalos mensais. Essa migração gera na comunidade uma mudança em sua dinâmica, pois a contribuição física para o trabalho diário na comunidade é afetada, gerando uma sobrecarga nas mulheres, idosos e crianças.

Essa conjuntura ocasiona uma sobrecarga de trabalho no grupo feminino, pois além dos trabalhos realizados no campo, elas precisam efetuar todas as demais ocupações domésticas e maternas.

A Presidente da Associação Comunitária (CRUZ, 2017) relata que desde o ano de 2003 a comunidade é beneficiada com o Programa Bolsa Família, que atente de forma integral todos os grupos familiares da Comunidade da Gameleira. Outro programa de incentivo é o Garantia-Safra, que beneficia agricultores familiares sujeitos a perdas de safra devido à seca ou ao excesso de chuvas. Proporcionando linhas de crédito, o



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Agroamigo⁶ é programa atuante na comunidade que assiste os agricultores para construção de cisternas e expansão dos seus produtos e serviços. Contemplando a comunidade de forma positiva, os programas apresentam uma realidade de avanço e conquista como povo que teve direitos negados por décadas. A inclusão nas políticas públicas assistenciais diminui a vulnerabilidade social e assegura qualidade de vida para os quilombos, diminuindo possíveis êxodos rurais.

Ainda segundo Cruz (2017), a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), juntamente com a Fundação Cultural Palmares, realizava doações de cestas básicas à comunidade. Essa assistência foi retida a nível nacional pelo então Presidente Michel Temer logo no início de seu mandato no ano de 2016. O direito a esse benefício foi retirado dos aposentados e funcionários públicos residentes na comunidade, estando já há mais de um ano sem acesso aos suprimentos básicos de alimentação. Esse cenário apresenta uma regressão das conquistas, gerando um quadro de insegurança alimentar para a comunidade.

A chegada do Programa Luz para Todos ocorreu em 2004, no segundo ano do primeiro mandato do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Antes da vinda do programa, a Gameleira possuía energia elétrica apenas na escola, que era recebida através de uma rede que se deslocava de Lajes Pintadas. No mesmo período, a comunidade foi contemplada com dois poços tubulares que serviram como uma alternativa para suprir o abastecimento de água. Hoje, três poços tubulares amparam a comunidade. No ano de 2009 eles tiveram acesso ao dessalinizador, que se encontra instalado rente ao colégio.

⁶ Programa de Microfinança Rural do Banco do Nordeste em parceria com o Governo Federal. Mais informações em: <https://www.bnb.gov.br/agroamigo> .



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Figura 8: Dessalinizador instalado na comunidade.
Fonte: Acervo próprio.

Através do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), realizado através da rede ASA⁷ e a Associação local, a Gameleira, no ano de 2009, adquiriu 47 cisternas, atendendo assim, uma necessidade básica da população (FCP, 2016). Atualmente, apenas as habitações construídas através do programa Minha Casa, Minha Vida não possuem cisternas. Ainda assim, o conjunto de equipamentos e serviços urbanos, básicos para desenvolvimento de um espaço, ainda é insuficiente para a comunidade. O abastecimento de água ainda é realizado através de carro-pipa, que dependo do clima, ele pode chegar à Gameleira duas ou quatro vezes ao mês (CRUZ, 2017).

4. A CHEGADA DO MINHA CASA, MINHA VIDA: MESMO ESPAÇO, NOVAS RELAÇÕES

Os bens mais preciosos que tivemos foram as casas, as cisternas e o luz para todos, porque tirou a gente da escravidão. (CRUZ, 2017)

Por décadas, a tradição construtiva presente na comunidade quilombola remeteu ao uso de taipa, madeira e palha. A alvenaria veio ser usada inicialmente somente na parte externa da edificação, configurando paredes estruturais. As casas de taipa na Gameleira seguiam um mesmo padrão, sendo divididas por três cômodos: sala, quarto

⁷ Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da convivência com o Semiárido.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

e cozinha. Cruz (2017) relata que, na Comunidade, nem todos os espaços habitados são próprios. Geralmente os proprietários do local realizam a doação de parte do terreno ao morador efetivo. Essa ação é registrada em ata no cartório, tornando irreversível a transferência. Divididas em apenas três cômodos e nestes, apenas um quarto, as casas de taipa forneciam condições precárias de moradia, apresentando fragilidades construtivas e riscos de incêndio e desabamentos, não contando sequer com banheiro na parte interna da casa – os usos sanitários eram realizados nas partes externas, nos matagais, sem qualquer tipo de coleta ou tratamento de lixo, efluentes e dejetos. Somente em 2013, através do Programa Nacional de Saneamento Rural realizado pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), foram construídos banheiros em cinquenta e quatro casas da Comunidade.

Criado no segundo mandato do Ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, o Programa Minha Casa Minha Vida tem por objetivo diminuir o déficit habitacional brasileiro e a desigualdade social. Este é um amplo programa habitacional que extrapola seus limites; nele, a construção de moradias pressupõe também a abertura de ruas, seu reordenamento ou remodelamento, implantação de redes de esgoto e de abastecimento d'água, com os sistemas de saneamento, conexões de energia e telefonia, implicando em gigantescas transformações no perfil urbano (BRASIL, 2017).



Figura 9: Residências do PMCMV na Comunidade PMCMV Comunidade da Gameleira
Fonte: Acervo próprio.



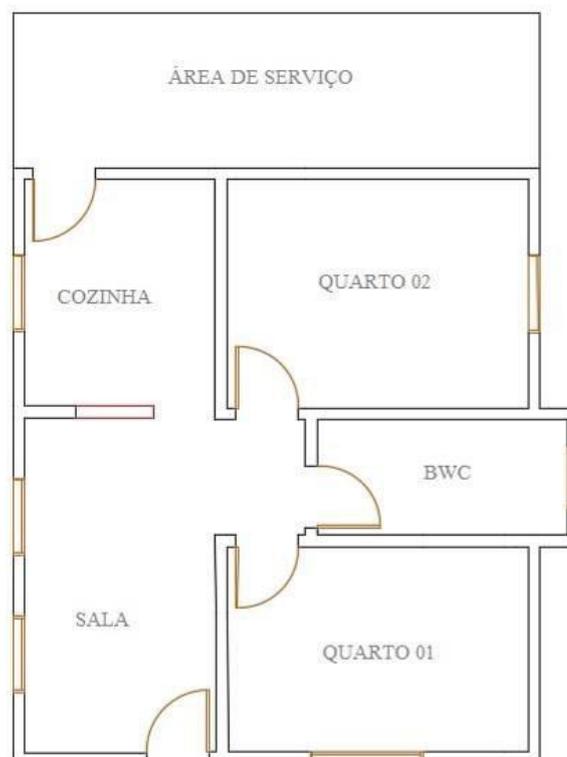
Figura 10: Residências do na da Gameleira
Fonte: Acervo próprio.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Realizado através da Associação da Gameleira, o processo de implantação do Programa Minha Casa, Minha Vida na Comunidade teve início em 2013, com a previsão de construção de cinquenta unidades habitacionais⁸. Devido à ausência de registro de posse sobre a terra, algumas famílias não foram contempladas, surgindo assim, a necessidade de contatar comunidades vizinhas para integralizar numericamente o processo. No total, no ano de 2015, foram entregues à Gameleira trinta e uma casas, e as outras dezenove foram construídas nas comunidades de Chaves Belas, Salgadinho e Serra de São Raimundo, no mesmo Município (BRASIL, 2017). As habitações do Programa Minha Casa Minha Vida possuem um formato diferente. Os compartimentos são divididos em sala, cozinha, banheiro, dois dormitórios e uma área externa com tanque. A área construída de 51,43m² e área de cobertura de 73,47m².



⁸ Para mais informações: <http://odiariolajespintadense.blogspot.com.br/2013/08/sao-tome-moradores-dagameleira-assim.html>



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Figura 11: Divisão dos ambientes das unidades situação, alguns proprietários habitacionais do PMCMV construídas na Gameleira. ampliam suas casas de acordo com as necessidades

Fonte: Elaboração da autora.

O novo estilo de moradia fornece a população melhores condições devido à mudança espacial e social que ela apresenta. Esse modelo permite qualidade em suas residências devido à disposição de ambientes que abrange as atividades diárias básicas de uma família. Em contrapartida, a construção das casas não solucionou a necessidade de comportar todos os moradores do mesmo espaço, onde, em algumas vezes, as casas chegam a abrigar treze pessoas de um mesmo grupo familiar.

Tratado como monumento histórico pelos moradores e visitantes, a única casa de taipa presente na comunidade, pertence à Dona Irene, atualmente com 74 anos e residente da casa desde que nasceu. O seu apego afetivo à edificação impede que ela a abandone. Além da memória, o ambiente domiciliar agregou ao longo dos anos valores culturais, sociais e emocionais e com isso, uma mudança de ambiente, influenciaria no seu bem-estar e na sua relação de pertencimento àquele espaço. A sua relação com o espaço da comunidade e a construção de sua própria identidade perpassam a construção de sua memória afetiva e sua relação física com o espaço da casa de taipa. Para Dona Irene, a casa representa o maior bem que foi conquistado ao longo da sua vida, artefato de alto valor simbólico relacionado às conquistas ao patrimônio da família e ao desenvolvimento da vida familiar naquele espaço. Isso gera o desejo de não mudar, permeado pelo sentimento de conquista, afetividade, bemestar, privacidade, independência, autonomia e segurança. Construída pelos seus pais no ano de 1935, ela afirma que não pretende derrubá-la e que deixará para seus filhos e netos como herança e memória.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Figura 12: Dona Irene em sua residência de taipa.
Fonte: Acervo próprio.



Figura 13: Única casa de taipa presente na nova
Gamaleira
Fonte: Acervo próprio



Figura 14: Casa de taipa ao lado da unidade
habitacional do PMCMV
Fonte: Acervo próprio

Após a chegada do PMCMV, a Comunidade caminha pouco a pouco para a conquista de outros benefícios. Esse ano, a Prefeitura de São Tomé, juntamente com a de Lajes Pintadas, por meio de acordo, realizaram a recuperação da estrada que liga a zona urbana até a Gamaleira. Essa ação facilitou o acesso ao centro urbano de veículos que fazem o transporte de estudantes, de moto-taxi e principalmente dos carros-pipa, que devido ao seu peso, possuíam grandes dificuldades em subir a serra. Além das



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

modificações ocorridas nas moradias, o Programa traça como meta alterações em seu perfil urbano. Em dias atuais, foram acrescentados à comunidade quadra poliesportiva⁹, dessalinizador e Unidade de Pronto Atendimento (UPA). O atendimento na unidade básica é realizado nas terças-feiras por uma equipe do PSF de São Tomé, restando assim, a busca desses serviços nos municípios vizinhos. As chegadas desses serviços forneceram à Comunidade agentes de desenvolvimento que impulsionam a evolução de um povo resignado.



Figura 15: Unidade Básica de Saúde presente na Comunidade Fonte: Acervo próprio.



Figura 16: Quadra poliesportiva da Gameleira Fonte: Acervo próprio.

As mudanças espaciais sofridas causaram na comunidade um reconhecimento como cidadão possuidor de patrimônio cultural e oral, ocasionando assim, ainda que de forma gradual, a necessidade de resgatar e preservar suas tradições, idiomas, conhecimentos e valores como indivíduo quilombola. A mudança no ritmo diário do espaço acomete na comunidade uma ascensão de sua autoestima, pois a população começa a acreditar na força da sua própria raiz, gerando conseqüentemente mais autoaceitação e menos autopreconceito. Além disso, as novas intervenções geram mudanças e estímulo para as novas e atuais gerações que, ao sentir-se valorizado, anseia por constante crescimento. Outra transformação é observada pela parte da associação que diminui a busca por melhorias em serviços básicos e começa a lutar pela assistência do setor público para a recuperação dessa identidade, com ações

⁹ Na quadra são realizadas diversas atividades entre elas, o projeto estilo de vida ativo.

<http://prefeituramunicipaldesaotome.m.gov.br/noticias/projeto-estilo-de-vida-ativo-na-comunidade-quilombolade-gameleira>



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

que promovam introdução social como ente negro, através da inclusão de danças e artesanato na comunidade. Por outro lado, a Comunidade ainda carece de investimentos e assistência em diversos quesitos, apresentando, apesar das melhorias, elevado índice de pobreza, precariedade e vulnerabilidade social, subordinados ao recebimento de políticas públicas assistencialistas que garantem o básico mas não chegam a garantir autonomia necessária para a continuidade do desenvolvimento comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda noite eu me deito, rezo e agradeço por minha casa. (CRUZ ,2017)

A urbanização proporciona melhorias e avanços na comunidade afastando-os do quadro de precariedade. É inegável que essa mudança só foi possível a partir das políticas públicas implantadas na comunidade a partir do ano de 2003. Outro ponto inquestionável são as mudanças ocorridas a partir do empossamento do Presidente Michel Temer, que põe, diariamente, não só as comunidades quilombolas, mas sim todos aqueles que estão saindo do quadro de vulnerabilidade social, em risco, a perder todos os direitos conquistados.

Além da burocracia de órgãos estaduais responsáveis pela expedição das titulações e de outros que atendem no âmbito da federação, o retardamento para obtenção do título pelo INCRA é consequência de um conflito existente entre os proprietários de terra e a Comunidade, devido à riqueza existente no espaço. A Serra Gameleira de Baixo é banhada pelo minério água marinha, uma pedra preciosa bem representativa do Brasil por possuir grandes jazidas. A titularização retira a posse dos proprietários sobre as terras, conseqüentemente, neste caso, o direito aos bens derivados da extração dos minérios. O desamparo do poder público e a omissão do INCRA em favor da comunidade dificulta o avanço processual pelo reconhecimento.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Apesar do avanço e da proporção das conquistas para um espaço omitido pela sociedade, o novo estilo de moradia apresenta ausência de materiais tradicionais e da disposição original dos cômodos, acentuando o aniquilamento de tradições construtivas. Consequentemente, a perda histórica cultural. Para que haja um resgate social é preciso compreender qual o tipo de cultura que ali está presente e então, haverá contemplamento e proteção do espaço por parte de seus moradores, ou seja, é preciso que a comunidade estime sua história e reconheça seus valores.

Após a chegada do PMCMV, a população começa a enxergar o espaço com outros olhos e com isso, surge a necessidade de acompanhar a evolução apresentada. Diante disso, é fundamental que esse progresso seja unido a tentativa de resgate cultural fornecendo a comunidade, uma volta ao passado através de medidas socioeducativas que apresente sua cultura, tradições, religiões e crenças. Sendo passível a mudanças, o Programa Minha Casa, Minha Vida, poderia, a partir de estudos de técnicas construtivas, auxiliar esse resgate. Promovendo modificações em seu material construtivo e adquirindo técnicas usadas, por tantos séculos, pelas comunidades quilombolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

ASSUNÇÃO, Luiz. **Quilombos**: comunidades remanescentes – RN. 3. ed. Natal: Fundação Hélio Galvão, 2006. 17 p.

BANCO DO NORDESTE. **Agroamigo**. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/agroamigo>>. Acesso em: 14 out. 2017.

BRASIL. INCRA. **Regularização de Território Quilombola**: Perguntas e Respostas. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-perguntasrespostas-a4.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano Nacional de Cultura**: PNC. 2014. Disponível em: <www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc>. Acesso em: 09 out. 2017.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Programa Minha Casa Minha Vida**: 1 milhão de casas, créditos, benefícios e esperança para os brasileiros. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/385446/Programa Minha Casa Minha Vida.pdf?sequence=1](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/385446/Programa_Minha_Casa_Minha_Vida.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 19 set. 2017.

COSTA, Angela Maria Faria da. **Quilombos urbanos, segregação espacial e resistência em Porto Alegre/RS**. q. 2008. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16006/000679141.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 set. 2017.

CRUZ, Francileide Bezerra da. Aspectos sociais da Comunidade Quilombola Gameleira de Baixo. São Tomé/RN, 10 set.2017. Entrevista a Narjara Gomes.

FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. **Os Forrós da Serra da Gameleira (São Tomé/RN)**: etnicidade, festa e sociabilidade. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

FCP. Fundação Cultural Palmares. Comunidades Remanescentes de Quilombos: (CRQ's). 2016. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-dequilombos-crqs>>. Acesso em: 10 set. 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativas de População. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9103estimativas-de-populacao.html?edicao=16985&t=resultados>>. Acesso em: 14 out. 2017.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL. **Territórios remanescentes de quilombos**. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/territorios-de-ocupacaotradicional/territorios-remanescentes-de-quilombos>>. Acesso em: 04 set. 2017.